

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Global Water Dances em Viçosa/MG: dança e ativismo ambiental

Juliana Carvalho Franco da Silveira
Vinicius Macena Santiago Fialho

Para citar este artigo:

SILVEIRA, Juliana Carvalho Franco da; FIALHO, Vinicius Macena Santiago. *Global Water Dances* em Viçosa/MG: dança e ativismo ambiental. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 48, set. 2023.

 DOI: 10.5965/1414573103482023e0207

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Global Water Dances em Viçosa/MG: dança e ativismo ambiental¹²

Juliana Carvalho Franco da Silveira³
Vinicius Macena Santiago Fialho⁴

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os impactos das ações de um projeto de extensão em dança, cuja proposta foi participar do evento internacional *Global Water Dances 2021* – envolvendo os participantes no processo de planejamento, ensaios, produção e apresentação –, no intuito de conscientizar e sensibilizar sobre a importância da água para a preservação da vida. A dança foi abordada nesse contexto como articuladora da relação corpo-ambiente e em seu caráter político, no sentido de possibilitar abertura para novas configurações sociais. A partir da análise dos impactos das ações do projeto, a dança foi reconhecida como uma epistemologia que possibilitou sensibilização e mobilização social, assim como a construção de um sentido de comunidade.

Palavras-chave: *Global Water Dances*. Dança. Água. Preservação ambiental. Trabalho colaborativo.

Global Water Dances in Viçosa/MG: dance and environmental activism

Abstract

This research aimed to analyze the impacts of the actions of an extension project in dance whose proposal was to participate in the international event *Global Water Dances 2021* – involving participants in the planning process, rehearsals, production, and presentation –, to raise awareness and sensitize about the importance of water for the preservation of life. Dance was approached in this context as an articulator of the body-environment relationship and in its political character, in the sense of enabling the opening to new social configurations. Based on the analysis of the impacts of the project's actions, dance was recognized as an epistemology that enabled awareness and social mobilization, as well as the construction of a sense of community.

Keywords: *Global Water Dances*. Dance. Water. Environmental preservation. Collaborative work.

¹ Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada por Bernardo Yukyo Takayama Colli. Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2018).

² Esta pesquisa foi contemplada com bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), de 2020 a 2021. O projeto de extensão, objeto de estudo desta pesquisa, recebeu o apoio financeiro GWD 2021 *Site Impact Fund* (SIF) proporcionado pelo *Global Water Dances* e pelo *Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies*.

³ Doutorado em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com participação no Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (bolsa CAPES). Mestrado em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduação em Filosofia pela UFMG. Professora do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bailarina e diretora. Educadora do Movimento Somático pela *School for Body-Mind Centering™*. Coordenadora do Grupo Rascunho.

 julianac.silveira@ufv.br

 <http://lattes.cnpq.br/6585433619381709>  <https://orcid.org/0000-0003-0180-3625>

⁴ Licenciado e bacharelado em Dança pelo Departamento de Artes de Humanidades da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bailarino, professor e pesquisador. Integrante do Grupo Rascunho, de 2019 a 2022. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) na UFV, de 2020 a 2021, para realização desta pesquisa.

 viniiimacena@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/1703592478264130>  <https://orcid.org/0000-0003-2756-428X>



Global Water Dances em Viçosa/MG: dança y activismo ambiental

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo analizar los impactos de las acciones de un proyecto de extensión en danza cuya propuesta fue participar en el evento internacional *Global Water Dances* 2021 – involucrando a los participantes en el proceso de planificación, ensayos, producción y presentación –, con el fin de sensibilizar y sensibilizar sobre la importancia del agua para la preservación de la vida. La danza fue abordada en este contexto como articuladora de la relación cuerpo-ambiente y en su carácter político, en el sentido de posibilitar la apertura a nuevas configuraciones sociales. A partir del análisis de los impactos de las acciones del proyecto, la danza fue reconocida como una epistemología que posibilitó la sensibilización y movilización social, así como la construcción de un sentido de comunidad.

Palabras clave: *Global Water Dances*. Danza. Agua. Preservación del medio ambiente. Trabajo colaborativo.



Introdução

O *Global Water Dances* (GWD) é um evento internacional que conecta e apoia bailarinos e coreógrafos de diferentes países para conduzir uma ação global de colaboração em torno das questões relacionadas à água. Tem como missão unir comunidades locais e globais através de relações interpessoais, criação e desenvolvimento de vínculos por meio da dança. A participação é aberta a qualquer pessoa interessada em se movimentar (Site do GWD)⁵.

O evento internacional, realizado em 2021, aconteceu em quatro partes:

Seção I. Ritual: Uma abertura, específica para cada local.

Seção II. Dança Local: Está aberta à criatividade do coreógrafo. Você pode usar música local e usar um problema local de água como tema para sua dança.

Seção III. Dança Global: coreografia simultânea feita por todos os artistas em todo o mundo para a mesma peça musical, conectando participantes e público globalmente. [...]

Seção IV. Dança Participativa: Participação do público em uma sequência de movimentos muito simples. Alguns sites vão ensinar os movimentos durante o evento, enquanto em outros o público terá aprendido antes da apresentação (Site GWD)⁶.

Para participação no GWD 2021, desenvolvemos projeto de extensão universitária conduzido pelo Grupo Rascunho – vinculado ao curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa (UFV) –, em parceria com o Instituto Socioambiental de Viçosa (ISAVIÇOSA). Participaram do projeto estudantes do curso de Dança e de outros cursos da UFV, cidadãos de Viçosa, ex-alunos da UFV, assim como interessados pela causa, num total de 18 pessoas, com faixa etária de 15 a 54 anos, incluindo profissionais da dança e pessoas sem experiência prévia na

⁵ <http://globalwaterdances.org/dances/whydance/> Acesso em: 15 mar. 2021.

⁶

Section I. Ritual: An opening, specific to each site.

Section II. Local Dance: It is open to the choreographer's creativity. You can use locally-based music, and use a local water issue as a theme for your dance.

Section III. Global Dance: Simultaneous choreography done by all the performers worldwide to the same piece of music, connecting participants and audience globally. [...]

Section IV. Participatory Dance: Audience participation in a very simple movement sequence. Some sites will teach the moves right during the event, while at other sites the audience will have learned prior to performance.

Disponível em <http://globalwaterdances.org/dances/for-choreographers/>. Acesso em: 13 fev. 2023. (Esta e todas as outras traduções realizadas neste artigo foram feitas por Juliana Carvalho Franco da Silveira).

área⁷.

O projeto de extensão teve como principal proposta abordar a dança, enquanto conhecimento corporalizado, como articuladora da relação corpo-ambiente, em um processo de conscientização e sensibilização dos participantes sobre a importância da água para a preservação de todas as formas de vida. Para tanto, os participantes se envolveram nos processos de planejamento e realização das atividades, assim como nos ensaios, produção e apresentação no evento.

Devido à pandemia de COVID-19, os encontros foram virtuais (Figura 1), pela plataforma Zoom, do dia 16 de outubro de 2020 a 18 de junho de 2021, realizados uma vez por semana, com duas horas de duração cada encontro. Tivemos também três encontros presenciais na sede do ISAVIÇOSA (Figuras 2 e 3), ao ar livre.

Figura 1 - Participantes do projeto de extensão no 1º encontro virtual
 Arquivo de Juliana Carvalho Franco da Silveira



⁷ **Lista dos participantes do projeto de extensão: Grupo Rascunho:** Juliana Carvalho Franco da Silveira (coordenadora), Bernardo Yukyo Takayama Colli, Hester Paes de Freitas, Marina Alves Facundo, Vinicius Macena Santiago Fialho. **Instituto Socioambiental de Viçosa:** Pedro Christo Brandão (diretor), Felipe Salgado de Senna (diretor), Bráulio Furtado Alvares, Daniela de Ulysséa Leal, Isabela Knup Barros, Júlia Christo Brandão Timo, Marcela Ottomar da Silva, Uriel Laurentiz de Araujo. **Demais participantes:** Amanda Moura Souto, Bernardo Peixoto Gandra Ferreira, Gabriela Salles Franco da Silveira, Jasmim Ferraz Barbosa Pereira, Juliana Rodrigues Cancio, Nina Maria Alves Martins Oliveira, Vinicius Izidoro Damasceno, Vitor Thomas Sant Amaro. **Convidados Evento dia 12/06/2021:** Alyx de Oliveira Dantas Cruz, Carolina Barros Gazal Rangel, Gustavo Luca Lima Donato, Maria Eduarda de Carvalho Silva, Monique Pereira de Azeredo, Peterson Dos Reis Jaffar, Júlia Dornelas Moura, Juliana Campos Costa Souza.

Figura 2 - Encontro no Sítio Palmital (margem do açude), sede do ISAVIÇOSA
 Arquivo de Juliana Carvalho Franco da Silveira



Figura 3 - Visita de integrantes do Grupo Rascunho ao Sítio Palmital
 Fonte: fotografia cedida por Júlia Christo, integrante do ISAVIÇOSA



Ao longo do projeto, dedicamos o trabalho às diferentes seções do GWD, a saber: ritual de abertura, dança local, dança global e dança participativa. Os ensaios e filmagens para a dança local tiveram uma carga horária maior nos encontros, pois desenvolvemos em conjunto o processo de criação da videodança Caminhos do Ribeirão São Bartolomeu – acessível, na íntegra, no link: [Caminhos do Ribeirão São Bartolomeu \(2021\)](#).

O São Bartolomeu foi o “corpo de água” (*body of water*, como proposto pelo GWD) abordado no projeto, enquanto campo de estudo para criação da dança local, pois ele adentra nossos corpos, casas e o meio ambiente do entorno. A situação de degradação desse ribeirão em Viçosa chamou a atenção dos participantes do projeto. Além disso, Pedro Christo (informação verbal)⁸, um dos diretores do ISAVIÇOSA, informou que o São Bartolomeu está 100% dentro da cidade de Viçosa, já abasteceu 100% da água da cidade e é responsável pelo fornecimento de 100% da água da UFV. Também foi significativo saber que ações de recuperação ambiental estão sendo realizadas em uma de suas nascentes, que está localizada na sede do instituto socioambiental, como será exposto adiante.

Figura 4 - Imagens da videodança que mostram o Ribeirão São Bartolomeu no campus da UFV - Arquivo de Juliana Carvalho Franco da Silveira



A pesquisa

A seguir, apresentamos a pesquisa, que teve como objetivo analisar os impactos das ações do projeto de extensão. Para tanto, investigamos como diferentes experiências com a dança, enquanto articuladora da relação corpo-ambiente, impactaram o processo de conscientização e sensibilização dos

⁸ Informação compartilhada por Pedro, no 1º encontro virtual com os participantes do projeto GWD, realizado em 16 out. 2020.



participantes sobre a importância da água para a preservação de todas as formas de vida.

Para registro dos dados produzidos ao longo do projeto, todos os encontros virtuais semanais foram gravados em áudio e vídeo, além de termos criado registros escritos de cada encontro, o que ajudou na organização dos dados. Também foi aplicado formulário, enviado através do *Google Forms*, no início e no final do projeto, com perguntas sobre os hábitos dos participantes no que tange preservação ambiental, conhecimentos prévios a respeito da temática e experiência anterior com a dança.

A análise dos impactos das ações do projeto foi baseada na organização, redução e interpretação dos dados advindos dos registros mencionados acima. Os dados foram organizados através da seleção de temas recorrentes, que emergiram dos encontros. Após análise dos vídeos e leituras reflexivas sucessivas desse material, surgiram os seguintes temas relacionados aos impactos: potência da dança para o ativismo ambiental, conhecimentos sobre situação hídrica de Viçosa, processos colaborativos e construção de comunidade. Esses temas se transformaram em categorias de análise, as quais constituíram a base do trabalho de interpretação dos dados e serão apresentados em tópicos no decorrer deste artigo.

A parceria com o ISAVIÇOSA foi vital para a condução do projeto. O instituto compartilhou, ao longo dos encontros, informações sobre a situação hídrica de Viçosa e região, impasses de políticas públicas na cidade, práticas regenerativas da natureza, bem como informações sobre degradações ao meio ambiente provocadas por atividades humanas. Com essas informações, articuladas com revisão bibliográfica sobre o tema, tivemos oportunidade de analisar aspectos do meio em que vivemos, já que Viçosa, na Zona da Mata Mineira, é a cidade em que a maioria de nós, envolvidos no projeto, reside.

Viçosa é abastecida pelo Ribeirão São Bartolomeu e pelo Rio Turvo Sujo. O desenvolvimento da Universidade Federal de Viçosa parece estar intrinsecamente ligado ao desenvolvimento e urbanização da cidade, cujo crescimento populacional nas últimas décadas levou ao aumento da demanda por recursos



naturais, como a água (Dias, 2010).

A condução do projeto pelo Grupo Rascunho caminhou no sentido de agirmos como artistas/ativistas, entendendo a dança como agente transformador do nosso coletivo. Logo, uma das principais questões desta pesquisa foi a sensibilização promovida pelo fazer artístico da dança, integrada ao pensamento crítico e reflexivo em torno da importância da preservação da água e do meio ambiente.

Outro ponto que consideramos essencial na relação entre dança e preservação ambiental é a articulação entre ética e estética. Por ser um tipo de conhecimento sensorial, a estética pode potencializar aspectos sensíveis da experiência e contribuir para nos conectar com questões éticas, que demandam empatia e solidariedade.

Por isso, ao longo do desenvolvimento do projeto, consideramos, assim como Shapiro (2016), que o ativismo estético pode ser um facilitador para a criação de uma comunidade mais empática. Além disso, “[...] práticas pedagógicas que utilizam o corpo e os processos estéticos como formas de compreender o mundo e a nós mesmos podem ser um ponto de partida para educadores de dança contribuírem para uma comunidade global mais humana, justa e amorosa”⁹ (Shapiro, 2016, p. 12).

Portanto, nesta pesquisa, consideramos que a “arte ativista significa a participação da comunidade ou do público como meio de efetuar a mudança social e promover a justiça social”¹⁰, como propõe Rosenberg (2009, p. 5 apud Shapiro, 2016, p. 19). Em nosso contexto, a comunidade criada foi constituída pelos participantes do projeto que, conforme mencionado acima, somam 18 pessoas de faixa etária de 15 a 54 anos.

A seguir, apresentamos, em tópicos, os temas principais que surgiram da

⁹ Pedagogic practices that draw upon the body and aesthetic processes as ways of understanding the world and ourselves can be a starting place for dance educators to contribute to a more humane, just and loving global community.

¹⁰ Activist art means community or public participation as means of effecting social change and promoting social justice.



análise dos impactos das ações do projeto e que foram os principais norteadores para o trabalho de interpretação dos dados.

Potência da dança para o ativismo

O trabalho com a dança envolveu práticas advindas da dança contemporânea, a partir de uma abordagem somática ao movimento, e práticas de improvisação para o processo criativo colaborativo. Investimos em aspectos sensoriais e associamos a importância de considerar a sustentabilidade do corpo em conexão à do planeta. Abordamos também a conexão de nossos fluidos corporais com a água que está no ambiente.

A cada encontro, havia um momento inicial de aquecimento (conduzido por integrantes do Grupo Rascunho) que, de um modo geral, incluía práticas de autopercepção e sequências simples de movimentos para mobilização articular de diferentes regiões do corpo. Em seguida, conduzíamos práticas de improvisação, a partir de estímulos relacionados à água e aos fluidos corporais, para desenvolver materiais coreográficos para o processo criativo colaborativo, ou mesmo oferecíamos pequenas células de movimentos que poderiam ser usadas na montagem.

O trabalho de autopercepção foi realizado a partir de abordagem anatômica, cinesiológica e fisiológica do corpo. Essa abordagem visou possibilitar um refinamento da autopercepção e facilitar uma melhor organização do corpo, aspectos tão importantes para a saúde do movimento. Como exemplo, realizamos uma prática inspirada em Cavalcanti (2019), para a qual sugerimos que as pessoas mostrassem, no próprio corpo, onde se localiza a coluna vertebral.

Ao visualizarmos a percepção de cada um, notamos que, em muitos casos, não correspondia à realidade estrutural da pessoa. Portanto, trabalhamos com diversas práticas que promoviam o mapeamento consciente do corpo – através da mediação verbal, autotoque, automassagem, práticas de relaxamento, alongamento e foco na respiração –, para que cada um pudesse localizar estruturas, reconhecer tensões, prazeres, dores, entre outras sensações e percepções que poderiam surgir. Houve ainda o convite à percepção de fluidos corporais por meio de narrativas que traziam informações sobre onde se

encontram, sobre suas funções etc. Abordamos, por exemplo, os fluidos intracelular, intersticial, cerebrospinal e sinovial, plasma sanguíneo, suor, saliva, entre outros.

Essa abordagem visou sensibilizar e, ao mesmo tempo, perturbar a aderência cega a hábitos e modos de percepção no sentido de possibilitar abertura para novos modos de relação com o próprio corpo e o ambiente. Nesse contexto, consideramos que “a arte é inerentemente política, porque é uma atividade que torna inativos, e contempla, os hábitos sensoriais e os hábitos gestuais dos seres humanos, e, ao fazê-lo, os abre para um novo uso potencial”, como propõe Agamben (2008, p. 204 apud Lepecki, 2012, p. 44).

Nesse cenário, valorizamos uma pedagogia crítica do corpo, pois concordamos com Shapiro (2016) que incluir uma linguagem corporalizada na educação em dança requer capacidade de reflexão sobre si e sobre o mundo:

Começar a incluir uma linguagem corporalizada na educação em dança significaria mais do que alunos sentados em uma mesa aprendendo fatos históricos ensinados de uma perspectiva ou memorizando poemas. Seria uma pedagogia que envolvesse o aluno na reflexão crítica de seu mundo em termos de questões de poder, controle e sensibilidade moral ou ética, muitas delas entendidas como mediadas pela vida somática dos indivíduos. Requer uma pedagogia crítica do corpo (Shapiro, 2016, p. 9)¹¹.

Para o processo criativo coreográfico da dança local, trouxemos estímulos ligados às qualidades de movimento da água e aos fluidos corporais. Consideramos, por exemplo, que a água em seu estado líquido tem resiliência, capacidade de se moldar e se acomodar ao ambiente, o que nos levou a explorar a ideia de corpos líquidos (Figura 5), que se moldam e se adaptam ao ambiente (nesse caso, nossas casas). Abordamos ainda, de modo crítico, a lógica de consumo e descarte (Figura 6) tão presente em nossas vidas cotidianas, assim como a poluição e degradação do Ribeirão São Bartolomeu. Levamos em conta também as práticas regenerativas da natureza, como as realizadas e apresentadas

¹¹ To begin to include an embodied language in dance education would mean more than students sitting at desk learning historical facts taught from one perspective, or memorising poems. It would be a pedagogy that involves the student in critical reflection of their world in terms of issues of power, control, and moral or ethical sensitivity, much of these understood as mediated through the somatic lives of individuals. It calls for a critical pedagogy of the body.

pelo ISAVIÇOSA, enquanto abertura para novos mundos possíveis.

Figura 5 - Trecho da videodança, desenvolvido a partir da ideia de corpos líquidos
 Arquivo de Juliana Carvalho Franco da Silveira



Figura 6 - Trecho da videodança com crítica à lógica de consumo e descarte
 Arquivo de Juliana Carvalho Franco da Silveira



O trabalho colaborativo envolveu todos os participantes do projeto, o que foi fundamental para nos conectarmos, assim como para possibilitar trocas de conhecimentos e experiências. Desse modo, a concepção, o desenvolvimento e a finalização do filme da dança local foram realizados com a participação de todos, num processo em que fomos agregando as ideias e construindo o trabalho em conjunto.



Dentre as ideias sugeridas pelos participantes, temos: mostrar os caminhos do Ribeirão São Bartolomeu dentro da cidade de Viçosa; retratar os “caminhos da água” até a casa das pessoas – com o objetivo de desnaturalizar a noção de que a água está presente de maneira fácil e automática para a população –; e abordar o confinamento do rio e sua aparência de esgoto ao passar por Viçosa. Discutimos o uso individual da água, assim como sua utilização nas indústrias e no agronegócio. Refletimos também de modo crítico sobre a lógica capitalista de consumo e descarte.

Em relação a conhecimentos prévios de dança, o projeto envolveu dançarinos e pessoas sem experiência na área. Em um total de 18 participantes, 13 tinham conhecimentos prévios em dança antes do projeto. Observamos que a maioria esteve recentemente em contato com algumas práticas. Três pessoas já dançaram, porém não estavam em prática, e três pessoas disseram não ter nenhum contato prático prévio com a dança (dados do formulário *Google*, enviado no início do projeto)¹².

As respostas à pergunta “observou modificação na sua relação com a dança a partir das práticas corporais conduzidas pelo Grupo Rascunho?”¹³ revelam nuances do aprendizado para os envolvidos no processo. Observamos que mesmo participantes que já tinham longa trajetória na dança experienciaram novas relações. Sobre isso, Bernardo comenta que:

Como integrante do Grupo Rascunho, a condução de diversas práticas ao longo do projeto me trouxe uma relação mais pedagógica com a Dança. Também, o envolvimento com a água despertou outras sensações e percepções do corpo, do movimento e da dança, abarcando conhecimentos somáticos, fisiológicos e artísticos. Com isso, memórias (inclusive corporais) das vivências reverberam diariamente no meu contato com a água e com a dança (Formulário *Google*)¹⁴.

De fato, tivemos oportunidade para ampliar nossa relação com a dança. O depoimento de Jasmim também toca nesse ponto:

¹² Formulário preenchido em out. 2020 pelos participantes do projeto.

¹³ Pergunta apresentada no *Google Forms* no final do projeto.

¹⁴ Resposta preenchida no formulário *Google* aplicado ao final do projeto, em jun. 2021.

Minha relação com a dança se tornou ainda mais sensível. Mesmo tendo grande experiência na área, eu me surpreendi com a interação de corpos tão diversos por meio da dança, com diferentes bagagens. A forma com que a videodança [criada ao longo do projeto] foi construída mostra isso, cada corpo contribuindo de maneira individualizada num espaço coletivo. Além disso, pude perceber o quanto é possível abraçar temáticas importantes nas produções artísticas de maneira muito efetiva (Formulário *Google*)¹⁵.

Gabriela compartilhou que, apesar de já ter experimentado diferentes maneiras de enxergar a dança, a abordagem a partir de uma maior percepção de nosso corpo e de nossa presença no espaço que nos cerca possibilitou abertura para novos entendimentos:

Acho que, por isso, passei a tomar mais consciência de certas questões, nem sempre medidas por oitavos, mas com relação à forma como me entendo no espaço e [a]os movimentos não só intencionais que eu faço na dança, mas também os que estão presentes no meu corpo inconscientemente (Formulário *Google*)¹⁶.

Vinicius M. pontuou que a abordagem à dança sem julgamentos e hierarquias impactou sua experiência:

[...] estive em um relacionamento durante o projeto com uma dança sem julgamentos, sem hierarquia e que me valorizava enquanto ser humano. Além disso, pude ter experiências de educação somática aplicada à dança com práticas com conceitos trazidos para facilitar o nosso entendimento e propor uma nova organização corporal, como ocorreu no exemplo de biotensegridade trazido por Juliana S. (Formulário *Google*)¹⁷.

Os comentários de participantes que tinham pouco ou nenhum contato prévio com a dança também evidenciaram contribuições interessantes na participação do projeto.

Uriel, no formulário inicial, comentou que se sentiria desconfortável em atuar no projeto dançando, no entanto, participou do filme de dança e, no formulário final, compartilhou: “[...] o Grupo Rascunho auxiliou de forma excepcional [na] minha reconexão com meu corpo, respeitando meus limites e dificuldades”

¹⁵ Resposta preenchida no formulário Google aplicado ao final do projeto, em jun. 2021.

¹⁶ Resposta preenchida no formulário Google aplicado ao final do projeto, em jun. 2021.

¹⁷ Resposta preenchida no formulário Google aplicado ao final do projeto, em jun. 2021.



(Formulário Google)¹⁸.

Julia pontuou que as práticas corporais do projeto foram como “[...] um chamado mesmo para essa reconexão com o corpo”¹⁹ e completou que o sentimento foi de superação, pois observou que mesmo aqueles que não eram dançarinos tiveram participação marcante no filme da dança local.

Isabela relatou: “[...] o projeto mudou muito minha relação, assim, com a dança, com certeza, para melhor”²⁰ e disse que espera continuar com a prática de uma dança mais livre, intuitiva.

Nesse sentido, a inclusão de todos os participantes nas diferentes etapas do projeto possibilitou a democratização do acesso à dança, o que colaborou para ampliar a compreensão da própria dança e de quem pode dançar.

Amanda comentou que uma das coisas que chamou muito sua atenção foi a possibilidade de dançar a partir de movimentos pequenos, mais gestuais, e observar como essa composição de gestos pode formar uma sequência de movimentos, o que considera muito potente e bonito. Disse que tinha vontade de dançar assim, mas que nunca havia tido essa experiência, e que gostou bastante.²¹

O depoimento de Amanda aponta para a carga expressiva de nossos gestos, entendidos aqui como movimentos que não se reduzem a ações, como propõe Lima (2013). Nossos gestos são permeados por aspectos subjetivos e revelam singularidades daquele que dança. Além disso, estão sempre relacionados com o contexto, conforme nos lembra Launay (2013, p. 106) quando diz que “[...] é o contexto que fornece sentido ao gesto e esse contexto está tanto em nós quanto fora de nós, o gesto é o fruto de uma relação sempre em transformação entre um sujeito e seu ambiente”.

No evento *Global Water Dances* em Viçosa, que realizamos via plataforma Zoom, no dia 12 de junho de 2021, apresentamos o projeto e o filme que

¹⁸ Resposta preenchida no formulário Google aplicado ao final do projeto, em jun. 2021.

¹⁹ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.

²⁰ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.

²¹ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.



produzimos em conjunto. Nesse dia, tivemos a fala de Felipe, um dos diretores do ISAVIÇOSA, que lançou a seguinte reflexão: “qual a água que a gente está cultivando dentro de nós mesmos?” (informação verbal)²². Comentou que considera necessária essa reflexão para não banalizarmos o uso da água. E completou:

Hoje, em volta do planeta Terra, nós temos aproximadamente mais de 2 bilhões de pessoas que não têm acesso à água. Então, ou seja, a cada três pessoas [aproximadamente] em volta do planeta uma pessoa não tem acesso à água. [...] Nós temos essa oportunidade, e qual é o valor que nós estamos dando a isso? Qual é a relação que a gente tem com a água? Então, a gente busca incentivar e ativar essa relação de cada um com esse elemento, que é presente, é parte de nós, não é uma coisa que está fora, um elemento que está ali passando, que está na torneira, no cano, não. É um elemento que é parte do nosso ser, é parte da nossa estrutura física, literalmente (informação verbal)²³.

Após a fala de Felipe, tivemos uma prática de meditação guiada, conduzida por Marina, cujo objetivo foi sensibilizar os participantes a prestarem atenção na água dentro do próprio corpo, presente nos fluidos corporais, e na presença da água no nosso cotidiano. Sobre essa prática, uma das convidadas comentou:

Quando ela falou “qual foi o primeiro contato de vocês com a água?”, eu pensei no útero, [...], então, no momento de meditação, eu me visualizei dentro do útero, me mexendo dentro daquela água. E aí, quando ela falou “molhe a testa”, e aí me lembrou um negócio que [se] faz com o bebê, quando você molha a testa, quando o bebê está com soluço. E foi me dando isso, e, quando ela falou “molha o pescoço”, eu lembrei de, tipo assim, eu tomando banho na banheira e minha mãe passando a mão, assim, no pescocinho gordinho, para limpar. E eu fiquei em choque, porque uma simples pergunta que ela fez me trouxe esse sentimento de retrospectiva, de introspecção e, como apareceu no vídeo, vocês falaram várias vezes “a água é vida”, eu achei que isso é bastante significativo (informação verbal)²⁴.

A fala de Maria Eduarda evidencia o sentido da água em nossas vidas para além da necessidade fisiológica, pois é um elemento que nos provoca memórias afetivas de experiências que nos constituem. Ela compartilhou também que

²² Depoimento gravado na Confraternização GWD com os participantes do projeto GWD e convidados, em 12 jun. 2021.

²³ Depoimento gravado no evento Confraternização GWD, em 12 jun. 2021.

²⁴ Depoimento de Maria Eduarda de Carvalho Silva na Confraternização GWD com os participantes do projeto GWD e convidados, em 12 jun. 2021.



considerou significativo ver imagens do GWD em vários países junto a imagens de Viçosa, o que mostrou a importância de ocuparmos os espaços que estão aí.

No final desse evento, após realizarmos a dança participativa – conduzida por Hester –, com todos os presentes, convidamos os participantes a se manifestarem sobre o projeto. As pessoas destacaram que fortaleceram relações pessoais e que conheceram pessoas de diferentes regiões do Brasil e do mundo, cada um com sua história, mas todos juntos por uma mesma causa. Sentiram aproximação da dança com a própria vida e gostaram de vivenciar diferentes formas de experimentar o corpo. Sentiram acolhimento e ampliaram o desejo de encontros presenciais (estávamos online devido à pandemia).

Houve reconhecimento de que, muitas vezes, sentimo-nos pouco implicados, pouco responsáveis pelas questões ambientais. Monique, que morou por quatro anos no Amazonas, lembrou da relação dos povos indígenas com a água, que é muito diferente da que temos hoje, em geral, nas cidades. Sobre o encontro, a participante compartilhou que sentiu que veio à tona a percepção da água como uma presença constante e indissociável da vida.

Logo, ao longo do projeto, sentimos a capacidade da dança de revelar as linhas de força de determinado contexto social e sua particular força crítica, aspectos ressaltados por André Lepecki, quando diz:

De fato, a capacidade imanente da dança de teorizar o contexto social onde emerge, de o interpelar e de revelar as linhas de força que distribuem as possibilidades (energéticas, políticas) de mobilização, de participação, de ativação, bem como de passividade traria para essa arte uma particular força crítica. Pode-se dizer assim que, para além daqueles traços que partilharia com a política (a efemeridade, a precariedade, a identificação entre produto do trabalho e ação em si, a redistribuição de hábitos e gestos, o aumento de potências), a dança operaria também como uma epistemologia ativa da política em contexto (Lepecki, 2012. p. 45-46).

Lepecki (2012) ressalta ainda, conforme apontam Hewitt (2005) e Martin (1998), que a coreografia não deve ser entendida como metáfora da política, o que reverbera em nosso entendimento da dança no contexto do projeto. Nesse sentido, a dança foi abordada por nós como uma epistemologia em contexto, que articulou a relação corpo-ambiente em seus aspectos artísticos, políticos e sociais.



Conhecimento sobre a situação hídrica local em conexão com a situação global

O fato de desenvolvermos um trabalho interdisciplinar, que envolveu artistas, ativistas ambientais e pessoas da comunidade, foi determinante para a conexão das práticas artísticas com questões relacionadas ao meio ambiente.

Um ponto central que nos atravessou ao longo do projeto foi o impacto destrutivo de ações humanas na natureza. Tal impacto e a incapacidade de compreender e encontrar soluções para os graves riscos que corremos e provocamos ao planeta tem sido nomeado de Antropoceno.

Quilici, Okamoto e Moraes (2021, p. 1) entendem Antropoceno como “uma nova era geológica marcada pela ação humana e seu impacto destrutivo na natureza, especialmente a partir da Revolução Industrial”. Os autores lançam perguntas desconcertantes:

Como compreender e superar a incapacidade humana, especialmente dos poderes constituídos, de agir com eficiência e celeridade no enfrentamento dos graves riscos que corremos? Qual o papel das artes performativas na crítica e desconstrução dos mecanismos de denegação da crise e nossas contribuições para o processo de reinvenção das formas hegemônicas de vida, incluindo o diálogo com outras culturas e modos de existência? (Quilici; Okamoto; Moraes, 2021, p. 1-2).

Rios Neto (2021) comenta que a humanidade enfrenta sua primeira crise de alcance planetário e que o Antropoceno tem sido considerado como mais um dos processos de extinção em massa que a Terra teve no passado, devido à acentuada e acelerada perda da biodiversidade.

Na contemporaneidade, de fato, testemunhamos diversos processos de destruição ambiental. Conhecer a situação de degradação do Ribeirão São Bartolomeu em Viçosa nos impactou, ainda mais sabendo que a cidade enfrentou, por diversas vezes, crises hídricas e que, segundo Viana *et al.* (2019), as previsões para os próximos anos não são otimistas.

Há também outras questões que se entrelaçam para possíveis problemas hídricos dentro do município, como observa Uriel, do ISAVIÇOSA, no segundo encontro do projeto.

Entre elas, o desmatamento das matas ciliares, a erosão na zona rural, erosão do solo, a falta de planejamento das estradas – tanto as asfaltadas como as rurais –, o desmatamento da cobertura vegetal – não só na mata ciliar, mas também nas outras áreas –, [...] a má disposição do lixo e a falta do planejamento das atividades agrícolas (informação verbal)²⁵.

Como reação ao cenário de degradação ambiental, o ISAVIÇOSA atua desde 2007 para garantir a preservação de água potável em Viçosa. Desenvolve práticas de educação ambiental e de recuperação da natureza, como o plantio de água²⁶, além de alternativas ecológicas de uso sustentável dos recursos naturais, visando à conservação do solo, da mata ciliar e da água na região das nascentes do Ribeirão São Bartolomeu (informação verbal)²⁷.

Gabriela, participante mais jovem do projeto – 15 anos de idade em 2020 –, reflete sobre seu aprendizado:

Obtive muitas informações acerca do abastecimento de água em Viçosa e achei muito incrível como tudo está interligado, e até a menor nascente faz parte de todo um sistema que abastece um município inteiro e, indiretamente, impacta muitos outros. Aprendi bastante sobre os caminhos do Rio São Bartolomeu e de como é de extrema importância nos conscientizarmos acerca da maneira que ele vem sendo tratado, para que, ao invés de lamentarmos tantos problemas, pensarmos em formas de resolvê-los a partir da raiz, a um mais longo prazo. Também acabei assemelhando esses aprendizados e os aplicando em outros contextos parecidos, como os que eu vejo na cidade onde moro (informação verbal)²⁸.

Ao analisar os dados do formulário *Google*, enviado para preenchimento no final do projeto, foi significativo observar as respostas à pergunta: “Conheceu ações sustentáveis em Viçosa ao participar do projeto? Quais?”. Dos 13 respondentes, todos informaram que conheceram ações sustentáveis em Viçosa a partir do projeto, e todas as respostas incluíram conhecimentos compartilhados pelos integrantes do ISAVIÇOSA.

²⁵ Depoimento gravado no 2º encontro virtual com os participantes do projeto GWD, em 30 out. 2020.

²⁶ O “plantio de água” é uma técnica utilizada para captação de água de chuva, que, ao invés de escoar, possibilita a infiltração da água no solo (informação verbal compartilhada por Bráulio no 1º encontro virtual com os participantes do projeto GWD, em 16 out. 2020).

²⁷ Depoimento gravado no 1º encontro virtual com os participantes do projeto GWD, em 16 out. 2020.

²⁸ Depoimento registrado no formulário Google preenchido no final do projeto, em jun. 2021.



Dentre as ações sustentáveis citadas pelos participantes estão: projeto Microbacia Escola²⁹, plantio de água, recuperação de nascentes e de áreas degradadas, atuação para criação da Área de Proteção Ambiental (APA) São Bartolomeu, reflorestamento e reutilização de água – todos projetos e ações desenvolvidos pelo instituto. As respostas incluíram ainda a atuação do Grupo Rascunho e a própria experiência no projeto como formas de fomento a ações sustentáveis. Outras ações sustentáveis mencionadas foram as de catadores de lixo e da ACAT (Associação dos Catadores de material reciclável de Viçosa).³⁰

Logo, identificamos impactos significativos nos participantes do projeto, pois a maioria não sabia como é o abastecimento de água da cidade, de onde vem a água, como ela chega nas residências nem mesmo que a água das represas da UFV vem do São Bartolomeu. Aprendemos também sobre práticas regenerativas da natureza, assim como refletimos sobre o modo que nossos hábitos de consumo e alimentação podem impactar no meio ambiente.

Em relação aos aprendizados, Uriel compartilhou que mudou sua forma de ver e observar a água. Disse que treinou a visão ao realizar uma das tarefas sugeridas no projeto, que era registrar a água em áudio e vídeo. Contou que, em dias de chuva, saía para ver a água pingar e para observar as formas que ela tomava sobre um lago, uma folha; e se atentou também para os sons. “E tudo isso aí, acho que, através desse projeto, que teve a água como um tema central, contribuiu para mudar essa forma de ver – não é? –, de sentir, [...] as formas e os sons” (informação verbal)³¹.

Outro aspecto observado foi que construímos um sentido de comunidade entre os participantes do projeto, o que foi potencializado pelos compartilhamentos de conhecimentos, trabalho colaborativo e criações em dança. O sentimento de pertencimento a um grupo social nos sensibilizou para agir com

²⁹ O Microbacia Escola é um projeto que promove atividades sociais de educação ambiental com o olhar para práticas regenerativas da natureza, envolvendo grupos de escolas que incluem professores, alunos do ensino básico e estudantes universitários. Ocorre na maioria das vezes no Sítio Palmital, sede do instituto socioambiental.

³⁰ Respostas que constam do formulário *Google* preenchido no final do projeto, em jun. 2021.

³¹ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.



mais respeito ao meio ambiente, como será detalhado a seguir.

Colaboração e construção de um sentido de comunidade

A colaboração e o suporte mútuo foram aspectos centrais do trabalho desenvolvido no projeto. Criamos um ambiente em que houve aprendizado a partir da troca de experiências. Nosso método de trabalho tem pontos em comum com o que Richmond e Bird (2020) descrevem como “abordagem centrada no aluno”, pois valorizamos a experiência individual e a autodescoberta, além de cocriação, participação ativa e colaboração em um ambiente democrático e solidário.

A validação da experiência individual permite o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico necessárias (Burnidge, 2012) que aumentam as habilidades de desempenho ao poder investigar, questionar e discutir os próprios pensamentos e sentimentos (Raman, 2009) (Richmond; Bird, 2020, p. 136)³².

Logo, os trabalhos foram conduzidos de modo a priorizar a socialização, assim como os sentimentos de inclusão e de ser com o outro. Os trabalhos colaborativos envolveram estudantes e profissionais de diversas áreas, portanto, dependendo da atividade desenvolvida, diferentes pessoas assumiram a condução dos trabalhos, como facilitadores. Aulas de dança foram conduzidas pelos integrantes do Grupo Rascunho, palestras sobre a situação hídrica de Viçosa foram realizadas por integrantes do ISAVIÇOSA, habilidades para edição de vídeo, entre outras, foram compartilhadas por diferentes participantes.

³² “The validation of individual experience allows for the development of necessary critical thinking skills (Burnidge, 2012) which increase performance abilities by being able to investigate, question and discuss ones own thoughts and feelings (Raman, 2009)”.

Figura 7 - Momento de socialização dos participantes no contexto das filmagens
 Arquivo de Juliana Carvalho Franco da Silveira



No dia de encerramento do projeto, perguntamos: “como foi trabalhar com processos colaborativos?”. Uriel respondeu que, desde que chegou em Viçosa, esteve envolvido em projetos colaborativos e que, em alguns casos (quando havia muitos professores e pessoas formadas), era comum que se delegasse muito serviço para estagiários e estudantes; por isso, notava uma falta de organização. Mas, no contexto do projeto, sentiu que a organização proposta pelo Grupo Rascunho colaborou para que houvesse uma distribuição de tarefas, o que deixou o trabalho mais leve.

Vinicius M. pontuou sobre como foi ver o perfil de cada participante e sua respectiva colaboração dentro do trabalho. Comentou que “por isso, acho muito interessante você se sentir protagonista, se sentir importante, e não estar recebendo só passivamente, mas você pode ter a chance de falar” (informação verbal)³³.

Juliana C. pontuou sobre aprendizagem e diversidade no trabalho colaborativo:

Acho bom sempre trabalhar dessa forma, acho que o grupo cresce desse jeito, dessa forma colaborativa; o coletivo fica mais potente, a gente consegue incluir mais informações e também consegue aprender mais. Esse grupo é muito diverso, são várias áreas, são várias idades, várias experiências diferentes, e aí quanto mais pessoas falarem, mais a gente

³³ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.



vai aprendendo também (informação verbal)³⁴.

Amanda³⁵ comentou que, em contraste com ambientes que estimulam a competição e o individualismo, o trabalho colaborativo pode contribuir para humanizar as pessoas.

Ao refletir sobre o sentido da cooperação, foi muito significativo observar como o biólogo chileno Humberto Maturana ressalta a importância de resgatarmos aspectos essenciais da história evolutiva humana, como o cuidado mútuo e o amor. Segundo Maturana (1985, p. 223), “a origem antropológica do *Homo sapiens* não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode se dar como uma atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor”. Importante esclarecer que Maturana propõe um sentido bem específico para a palavra amor, que, como observa Rios Neto (2021), está relacionado à noção de cuidado mútuo e não à conotação cristã ou romântica. Maturana (2014, p. 221) considera que “o amor consiste na abertura de um espaço de existência para um outro em coexistência conosco, em um domínio particular de interações”, e completa:

Finalmente, o amor é a fonte da socialização humana, e não o resultado dela, e qualquer coisa que destrói o amor, qualquer coisa que destrói a congruência estrutural que ele implica, destrói a socialização. A socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre (Maturana, 1985, p. 221).

Nossa experiência em trabalhar com a dança através do cuidado mútuo e da cooperação fortaleceu os laços entre os participantes. Assim como Houston (2008, p. 13 apud Richmond; Bird, 2020, p. 139)³⁶, notamos que a valorização do “pertencimento coletivo do trabalho de dança, [de] igualdade de oportunidades para dançar, [e da] inclusão de participantes de diversas origens e habilidades” contribuiu para o trabalho colaborativo.

³⁴ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.

³⁵ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.

³⁶ collective ownership of the dance work, equal opportunity to dance, [and] inclusion of participants from diverse backgrounds and abilities.



Também reconhecemos que precisamos continuar na busca por caminhos para agir por meio de nosso trabalho como artistas, pois

[...] precisamos continuar a pensar criticamente, nos engajar em um diálogo de resistência e solidariedade, apelar para nossas experiências vividas e encontrar caminhos para agir por meio de nossa arte, de maneiras que se manifestem e encontrem pontos em comum para resistir a situações opressivas e prejudiciais. Tudo isso nos leva a invocar nossos poderes de conexão além-fronteiras, a desenvolver comunidades compassivas e resistentes, e a agir por meio de nosso trabalho como artistas e professores no espírito de amor e justiça (Shapiro, 2016, p. 31)³⁷.

Outro aspecto que fortaleceu o sentido de comunidade foi a proposta do GWD de conexão do grupo de participantes locais com aqueles de diversas outras localidades espalhadas pelo mundo. Observamos que essa conexão pode ser um aspecto significativo para fortalecer nossas reivindicações relacionadas à preservação da água, pois sabemos que o planeta Terra é um organismo vivo e temos ciência de que o que ocorre em uma região afeta outras localidades, assim como o que acontece ao planeta reverbera nos corpos.

Muitas vezes, sentimos certa impotência diante da destruição da natureza e percebemos a dificuldade de uma real mobilização da população em defesa da ecologia. Na ocasião do encerramento do projeto, ao avaliarmos as propostas desenvolvidas, Marina (informação verbal)³⁸ comentou que ficou feliz em conhecer sobre o Ribeirão São Bartolomeu e, ao mesmo tempo, ficou muito incomodada pela sensação de não conseguir fazer nada para mudar a situação de poluição do ribeirão, mesmo entendendo que é possível um trabalho de conscientização. Em seguida, Julia refletiu sobre questões levantadas por Marina, quando disse que:

[...] esse projeto pode ser um início de um movimento maior, de expansão mesmo de todo esse estudo e esse cuidado que a gente precisa ter para o município mesmo de Viçosa; e expandir isso. Então, assim, eu vejo que nesse sentido foi uma reafirmação mesmo da importância desse trabalho que já está sendo feito aqui nas nascentes, assim, que a gente já começou aqui no ISAVIÇOSA. Mas de forma que isso possa se expandir pro

³⁷ [...] we need to continue to think critically, engage in a dialogue of resistance and solidarity, call upon our lived experiences and find avenues to act through our art in ways that speak out and find commonalities to resist oppressive and harmful situations. All of this brings us to call upon our powers of connection across borders, to develop compassionate as well resisting communities, and to act through our work as artists and teachers in the spirit of love and justice.

³⁸ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.



município todo e mobilizar mesmo as pessoas, não é? Você vê que só esse grupo aqui como que já foi tocado, não é? (informação verbal)³⁹.

Julia comentou também que a participação no projeto impactou sua relação com o plantio de água, uma prática desenvolvida pelo ISAVIÇOSA. Disse que se aproximou muito mais das nascentes e dos espaços que já estavam sendo trabalhados pelo instituto. Ao perceber isso, teve outro entendimento, conseguiu visualizar que eles têm um canteiro de água, água nascendo, sendo cultivada e cuidada, o que afeta todo um ecossistema que se forma no entorno.

Outro ponto destacado em nossa conversa final foi a importância da sensibilização das pessoas para as causas ambientais. Sobre isso, Uriel comentou: “a Marina tinha falado, não é, que sente impotência, de não poder fazer... Mas, às vezes, até quem está lá na área ambiental também sente isso. Eu falo isso por experiência própria [...]” (informação verbal)⁴⁰. Comentou que, às vezes, está no ISAVIÇOSA, trabalhando, mas quando olha para fora dali, ao redor, sente um impacto. Disse que, no começo do projeto, questionava a proposta de a dança abordar a questão da água, mas que, com o tempo, observou como a sensibilização é importante:

Eu vi que o caminho é o indivíduo mesmo. Então essa sensibilização que o projeto trouxe, eu acho que qualquer um que for ver o vídeo vai sentir, entendeu? Eu acho que isso daí é o caminho mesmo [...] tudo depende das pessoas que estão ali. Então essa sensibilização aí é muito mais importante [...] com essa sensibilização das pessoas, a gente consegue alcançar outros patamares. Então mudou muito a minha visão também por toda essa parte social de sensibilização artística e é isso (informação verbal)⁴¹.

Vitor comentou que estamos plantando uma ideia e que essa ideia pode crescer e ser aplicada também dentro de sala de aula:

E muito do que eu aprendi aqui eu vejo que pode ser facilmente aplicado dentro de sala de aula, sabe? Trazer essa sensibilização, porque, infelizmente, a didática que é usada para, por exemplo, tratar de bacias hidrográficas, que é um conteúdo dentro da Geografia, é uma coisa assim: “ah, a gente tem a nascente, a gente tem o leito do rio – que é toda extensão que vai até às margens –, a gente tem a foz – que é onde o rio

³⁹ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.

⁴⁰ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.

⁴¹ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.



deságua –, e a gente tem os oceanos”. Não! Sabe? Acho que não é assim. Entende? Acho que quando a gente sensibiliza, a gente atrai mais para um conteúdo, no caso, bacias hidrográficas, por exemplo. Mas a sensibilização, ela atrai mais, não é? Ela chama mais atenção, ela conecta o corpo, a mente da pessoa, assim, os sentidos dela à água, que é o que a gente está trabalhando aqui (informação verbal)⁴².

Outro aspecto trazido por Vitor foi a importância da continuidade das ações do projeto, o que ressoou em várias falas dos participantes. Ele continuou:

Eu, de verdade, queria estar participando da continuidade do projeto da dança local em Viçosa, sabe? Não sei se todo mundo está nessa mesma vibe, assim, mas é um negócio que nasceu em mim e nasce junto com uma outra coisa, não é, de continuar a ter práticas de dança mesmo assim [...] (informação verbal)⁴³.

Assim como Vitor, consideramos que a continuidade das ações do projeto é vital para possibilitar mudanças mais duradouras. Nesse sentido, a coordenadora do projeto participou do Programa Educacional *Global Water Dances*, em 2022, e do *Global Water Dances 2023*, o que será tema de futuras publicações.

Considerações finais

Ao longo do projeto, observamos que a dança, enquanto conhecimento corporalizado, foi uma epistemologia que promoveu autotransformação e possibilitou novas configurações sociais, pois despertou as pessoas para o autoconhecimento e criou aberturas para relações mais sensíveis com os outros e o meio ambiente.

Identificamos também que a participação no *Global Water Dances 2021* proporcionou aos envolvidos em nosso projeto um sentido de comunidade local e global. Houve ainda ampliação dos conhecimentos sobre a situação hídrica de Viçosa e sobre práticas regenerativas da natureza, o que foi potencializado pela presença de integrantes do ISAVIÇOSA. Mais um aspecto observado foi a conscientização sobre a relação da água com hábitos de consumo e alimentação.

Finalizado o projeto, à medida em que as pessoas seguem suas vidas, sujeitas

⁴² Depoimento gravado em 18 jun. 2021.

⁴³ Depoimento gravado em 18 jun. 2021.



a muitas demandas e informações alienantes, alguns impactos imediatos do processo podem ser perdidos. No entanto, como comenta Shapiro (2016), uma vez que questões são colocadas e conexões são feitas, permanece um conhecimento corporalizado que tem poder transformador. Nesse sentido, cada participante pode se tornar um agente propagador de ideias em defesa do meio ambiente, aspecto que consideramos essencial, pois entendemos que grandes mudanças podem começar a partir das relações interpessoais.

Referências

CAVALCANTI, Raquel Pires. *A presença da Educação Somática no processo de ensino-aprendizagem em dança: transformações, desafios e perspectivas*. In I ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS SOMÁTICAS E DANÇA, Anais..., Brasília: Ed. IFB, 2019, p. 189-200. Disponível em: <http://revistaexico.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/issue/view/113>. Acesso em: 11 jul. 2023.

DIAS, Silvano Souza. *Os usos da água, urbanização e conflitos ambientais em Viçosa-MG: reflexões acerca das discussões realizadas no processo de elaboração do Plano Municipal de Saneamento Básico de Viçosa-MG*. 2010. Monografia (Bacharelado em Geografia) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

DUTRA, Lidiane Fonseca. Diálogo entre arte e ecologia através das obras de Tarsila do Amaral e Frans Krajcberg. *Rio Grande do Sul: Revista Didática Sistêmica*, v. 12, p. 44-54, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/rds.v12i0.1561>. Acesso em: 25 fev. 2023.

HEWITT, Andrew. *Social Choreography. Ideology as Performance in Dance and Everyday Movement*. Durham/London: Duke University Press, 2005.

Launay, Isabelle; WAVELET, Christophe. Entrevista com Isabelle Launay. In: LIMA, Daniella. *Gesto: práticas e discursos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

LEPECKI, A. Coreo-política e coreo-polícia. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p41>. Acesso em: 27 fev. 2023.

LIMA, Daniella. *Gesto: práticas e discursos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

MATURANA, Humberto. Reflexões sobre o amor, 1985. In MATURANA, Humberto; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (Org.). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MARTIN, Randy. *Critical Moves: Dance Studies in Theory and Politics*. Durham: Duke University Press, 1998.



QUILICI, Cassiano Sydow; OKAMOTO, Eduardo; MORAES, Juliana Martins Rodrigues. Texto de Abertura. *Conceição*, Campinas, v. 10, p. 1-2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conce.v10i00.8667976>. Acesso em: 10 fev. 2023.

RICHMOND, Courtney; BIRD, Kaylee. Dance teaching pedagogy: A time for change. *Dance Research Aotearoa*, n. 6, p. 129-145, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15663/dra.v6i0.84>. Acesso em: 03 fev. 2023.

RIOS NETO, Antônio Sales. Maturana: sem cooperação e alteridade, não há futuro. *Revista Outras Palavras*, São Paulo, dez. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net>. Acesso em: 21 set. 2022.

SHAPIRO, Sherry Badger. Dance as activism: The power to envision, move and change. *Dance Research Aotearoa*, n. 4, p. 03-33, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15663/dra.v4i1.53>. Acesso em: 03 fev. 2023.

VIANA, Lucas José Ferreira; SAITO, Youlia KameiL; BENHAME, Mateus Ribeiro; FERREIRA, Ítalo Oliveira. Análises do acúmulo de sedimentos em um represamento do ribeirão São Bartolomeu no município de Viçosa– MG. In: GOMES, Ingrid Aparecida (org.). *A Produção do Conhecimento nas Ciências Exatas e da Terra 2* [recurso eletrônico]. Viçosa: Atena Editora, 2019. p. 58-70. Disponível em: <https://doi.org/10.22533/at.ed.3951904047>.

Sites da Internet

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosas/panorama> (Acesso em: 12 nov. 2020).

<https://www.ufrgs.br/divulgacaodaciencia/2016/07/16/ciencia-do-solo-pedologia-o-que-e/> (Acesso em: 12 nov. 2020).

<http://globalwaterdances.org/> (Acesso em: 12 nov. 2020; 15 mar. 2021 e 13 fev. 2023).

<http://www.saaevicosamg.gov.br/noticias/item/37-decreto-oficializa-criacao-da-apa-sao-bartolomeu> (Acesso em: 12 nov. 2020).

<https://www.acaatinga.org.br/o-que-e-assoreamento/> (Acesso em 08 nov. 2020).

Recebido em: 02/12/2022
Aprovado em: 03/09/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br